

O CURRÍCULO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: uma incursão à Escola Hogwarts e ao mundo de Harry Potter

Maria Lúcia Castagna Wortmann

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Universidade Luterana do Brasil – ULBRA

Resumo

Análises realizadas sob a inspiração dos Estudos Culturais examinam artefatos e práticas culturais para nelas buscar representações e discursos que produzem significados para sujeitos, processos e instituições contemporâneas. Nessas análises, que assumem compreensões decorrentes das *viradas lingüística* e *cultural*, examinam-se significados naturalizados em tais produções culturais. Neste artigo, inscrito neste referencial, coloca-se em destaque modos de lidar com o currículo escolar nos livros infanto-juvenis de J.K.Rowling sobre Harry Potter. Argumenta-se que as representações forjadas e veiculadas em tal produção denotam posições acerca da escola e da organização curricular e exercem efeitos constitutivos importantes sobre os modos de concebê-las. Os livros descrevem uma escola competente e exigente, que consagra uma abordagem curricular *tradicional com enfoque humanista clássico*, no qual figuram disciplinas que arremedam as qualificadas como *acadêmicas com alto status*. Além disso, a capacitação dos possuidores de aptidão/talento para a magia completa-se com esportes competitivos, atributo também valorizado em escolas privadas tradicionais. Promove-se o estranhamento dessas representações, a partir de teorizações contemporâneas sobre o currículo.

Palavras- chaves - Currículo, Análises culturais, literatura infanto-juvenil

Abstract

Cultural Studies-inspired analyses examined cultural artefacts and practices in search of representations and discourses making meanings for subjects, projects and contemporary institutions... In these analyses, which take understandings due to *linguistic* and *cultural turn*, we exam naturalised meanings in these cultural productions. In this paper, we highlight ways to deal with the school curricular in young and children's books by J. K. Rowling about Harry Potter. We argue that representations invented and conveyed in such production express positions about school and curricular organisation have constitutive effects about how to understand them. Books describe a powerful and demanding school, which glorifies a traditional humanist-focused curricular approach, in which there are disciplines mimicking those qualified as high academic ones. Besides, the training of those skilled magicians is accomplished with competitive sports, a feature which is also valued in traditional private schools. We encourage estrangement towards these representations through contemporary theorisations about curriculum.

Keywords: Curriculum, Cultural analysis, young and children's literature

Introdução

Algumas análises culturais voltam-se a indicar como determinados artefatos, práticas e produções da cultura colocam em circulação discursos que atuam na fabricação de significações para sujeitos, processos e instituições contemporâneas. Tais análises assumem a *virada cultural*, movimento que configura a cultura como um processo constitutivo capaz de operar na invenção/produção dos sujeitos sociais e dos eventos históricos (Stuart Hall, 1997), sendo que nelas o termo *Cultura* tem a ver com práticas sociais, tradições lingüísticas, processos de constituição de identidades e comunidades, solidariedades e, ainda, com estruturas e campos de produção, bem como com o intercâmbio de significados praticado entre os membros de uma sociedade ou grupo.

Então, nesta perspectiva, muitas vezes identificada como *construccionismo cultural*, *cultura* é parte de todas as práticas sociais sem ser, no entanto, o equivalente à totalidade da sociedade (Hall, 1997; Néstor Canclini, 2007). Aliás, Canclini (ibid, p. 38) é enfático ao afirmar que somente a partir de um artifício metodológico-analítico podemos distinguir o cultural daquilo que não é cultural, mesmo que ao final da análise necessitemos chegar à síntese, recompor a totalidade para ver como funciona a cultura e dar sentido à sociedade.

Cabe registrar, ainda, que nessa abordagem, freqüente nas análises culturais, se dá destaque à representação, tomada como uma prática de significação capaz de atuar na estruturação de nossos modos de olhar, organizar, agrupar, classificar e, desse modo, (re)produzir discursos que são colocados em circulação e operam sobre sujeitos e *epistemes*. Como destacou Tomaz Tadeu Silva (2000, p. 134), caberia às análises culturais mostrar as origens das referidas fabricações/produções/invenções, bem como examinar os processos nos quais essas se tornam, muitas vezes, naturalizadas. Caberia a elas, também, indicar que tais naturalizações se processam em complexos jogos de linguagem postos em ação nas muitas práticas e produções sociais que implicam, e que estão implicadas, em relações de poder-saber, bem como em códigos e regras que modelam condições tácitas de aceitação de enunciados ditos e repetidos em muitas circunstâncias.

Neste estudo, sob a inspiração desse referencial, foi analisada uma obra cujos efeitos produtivos envolvem a Mídia, a Economia, a Academia e a Religião, além da Literatura e da Educação - a muito bem sucedida série de sete livros escritos¹ por Joanne Kathleen Rowling sobre a saga do jovem aprendiz de bruxo Harry Potter, que se enquadra no gênero literatura infanto-juvenil.

A intenção principal deste texto é colocar em destaque (e em discussão) posições enunciadas sobre o currículo escolar nessa série de livros que tem na escola o seu cenário principal - cada livro corresponde a aventuras vividas pelos/as jovens em um ano letivo. Além disso, tal análise ganha importância em função do enorme sucesso alçado pela série, especialmente entre os públicos jovens. Registro ter sido essa traduzida para 67 idiomas e vendidos cerca de quatrocentos milhões de exemplares dos sete livros da série em todo o mundo². Além disso, essas obras se disseminaram em uma intrincada rede de produções culturais, propagação que não foi sustada após o lançamento do último livro no ano de 2007. Dela já decorreram: sete filmes, sendo que o que focaliza as aventuras do 7º e último

livro compreende duas partes³, sendo todos eles sucessos de bilheteria nas principais cidades do mundo⁴; inúmeros artefatos que incluem álbuns de figurinhas, jogos diversos, camisetas, roupas de cama, toalhas, bonés, chapéus, botas, capas, varinhas de condão (e demais itens das vestimentas típicas dos/as personagens/bruxos/as), além de reproduções de imagens, paisagens e momentos dessas histórias usadas para ilustrar os mais variados produtos⁵, cuja compra é disponibilizada de muitas formas. Além desses, propagam-se nos espaços da *web* numerosos *sites*⁶, *chats*⁷, *fóruns*⁸, *blogs*, *fanfictions*⁹, *fanvídeos*, bem como em outros espaços da *Internet*¹⁰, nos quais os jovens leitores e leitoras, identificados com os heróis e heroínas das histórias sobre *Potter*, se reúnem para cultivar ícones e símbolos nelas instituídos e até para dar prosseguimento e recriar as histórias. Mas há, também, inúmeros trabalhos acadêmicos e artigos escritos por investigadores/as que atuam em diferentes campos (psicólogos/as, filósofos/as, educadores/as, críticos/as literários/as, analistas culturais, e escritores/as) entre os quais estão Harold Bloom (2000) Ana Maria Machado (2001), David Colbert (2002), Isabelle Smadja (2004), David Bagget, Shawn Klein, William Irwin (2002), Sissa Jacoby & Miguel Rettenmeier (2005), Tom Morris (2006), Andrew Blake (2006), Roger Highfield (2007), além de articulistas de jornais e revistas, entre outros, que se ocupam ora com indicar “as razões do sucesso” das histórias, ora com discutir a sua validade para o contexto brasileiro¹¹ e outros contextos¹², ora, ainda, com analisar a dimensão mágica e apontar os efeitos maléficos¹³ de tal literatura e filmes sobre os/as jovens.

É importante registrar, no entanto, que apesar dos propósitos indicados para os textos referidos serem diferentes daqueles tratados aqui, faz-se referência a eles para marcar que as aventuras mágicas vividas pelos personagens dessas histórias não fazem parte apenas de um rendoso empreendimento literário, que mobilizou (e continua a mobilizar) leitores/as de diferentes idades e sexos, além de ter tornado milionários tanto a autora da saga quanto os atores e atrizes dos filmes, bem como aqueles/as que comercializam os inúmeros produtos a ela associados. O nome Harry Potter tornou-se mais do que uma marca, pois, como destacou Blake (2006), as histórias a ele referentes invadiram a vida de jovens de todo o mundo de muitas e interessantes formas! Ou seja, na intrincada rede de produtos e de produções associadas ao seu sucesso configuraram-se significados não apenas para um mundo de magia e bruxaria – temática pressupostamente central a esses livros -, mas neles se delinearam estereótipos marcantes sobre modos de ser jovem e de viver a juventude, tais como o interesse pelos esportes, a organização em grupos, bem como a importância atribuída às relações de amizade e de afeto, em uma sociedade de bruxos que consagra, de forma até surpreendente, tanto modos de organização, quanto estruturas características às sociedades ocidentais contemporâneas, estando entre essas a escola! Como as histórias ressaltam, é preciso aprender a ser bruxo e tal aprendizado deve ocorrer em *Hogwarts*, uma escola organizada segundo parâmetros bastante assemelhados aos de escolas muito tradicionais! Ou seja, nas histórias de Rowling, magia e bruxaria não subvertem as estruturas mais formais nem da escola nem de qualquer outra das instituições representadas e transplantadas para essa sociedade de bruxos. Ao contrário, como foi destacado por Wortmann (2007, p.7), as histórias consagram modos de organização de muitas dessas

instituições, colocando, ao mesmo tempo, em destaque questões cruciais ao nosso tempo - o culto à tecnologia, o racismo, as diferenças sociais, a morte, o amor, a segregação dos diferentes, a emancipação de trabalhadores escravizados -, além de retomarem, ampliarem e reconfigurarem temas usualmente destacados em outras histórias infanto-juvenis e em muitas outras produções culturais contemporâneas.

O currículo da *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*

A escola tem um importante papel na vida dos personagens configurados como possuidores de aptidões/talentos mágicos nas histórias narradas por Rowling. Como está indicado nestes livros, é indispensável cursar a tradicional e antiga¹⁴ *Escola de Magia e Bruxaria Hogwarts*, uma escola seriada, mista, em regime de internato em tempo integral, na qual os/as alunos/as devem permanecer sete anos para tornarem-se bruxos/as competentes na Grã-bretanha¹⁵. O ingresso nessa escola ocorre aos 11 anos, dispendo os magos que a gerenciam de um perfeito registro de bruxos/as potenciais, pois as cartas de recrutamento dos/as alunos/as, entregues por corujas-correios, localizam os/as bruxos/as talentosos/as, onde esses/as estejam¹⁶. Como destacou o personagem Hagrid, um leal protetor de Potter, Harry estava inscrito em *Hogwarts* desde o dia de seu nascimento e ninguém poderia impedi-lo de cursá-la (v, 1, p.55). Mas, entende-se, a partir da narrativa, que a escola recebe apenas um tipo de aluno/a: aquele/aquela que tem vocação para a magia, aptidão que pode, no entanto, ser manifestada por não pertencentes a famílias de bruxos. Ou seja, nela podem ingressar, também, estudantes nascidos em famílias *trouxas*¹⁷, desde que possuam tal aptidão. Assim, frequentam *Hogwarts* bruxos *puro sangue*¹⁸, bruxos *mestiços*¹⁹ e bruxos que não provêm de famílias bruxas, chamados de *sangue-ruim*²⁰ pelos bruxos *do mal*, mesmo que haja desavenças históricas na comunidade bruxa sobre tal situação e que tais contendas se traduzam em dificuldades de diversas ordens na escola. Processam-se, então, em *Hogwarts* antagonismos que estão especialmente associados à questão da pureza racial. Esse é, aliás, o principal elemento desencadeador das lutas pelo controle da sociedade bruxa narrado nessas histórias e não questões referentes, por exemplo, a lutas em torno de diferenças de classes sociais, mesmo que ocorram confrontos dessa ordem entre os/as personagens membros da rica, influente e aristocrática família Malfoy e os integrantes da numerosa e bem estruturada família de bruxos funcionários públicos, também de *linhagem pura*, Weasley. Aliás, tais confrontos atravessam a vida escolar em *Hogwarts* e se estendem às estruturas que organizam a sociedade bruxa como o *Ministério da magia* e a imprensa.

Mas as representações de *Hogwarts* evocam de diversas maneiras escolas secundárias de elite britânicas: apenas a ela têm acesso sujeitos muito especiais, porque dotados de uma rara aptidão ou talento – a magia! Além disso, como grande parte dessas escolas de elite, *Hogwarts* está localizada em uma zona rural²¹ e em um suntuoso castelo cheio de torres e torrinhas, em um lugar estupendo e isolado – “no alto de um penhasco, à margem de um grande lago escuro e liso como um vidro, que pode ser acessado apenas por barco” (v. 1, p.

99). Destaca-se, em seu interior, o imenso saguão com piso de lajotas de pedra, as paredes iluminadas com archotes flamejantes e a imponente escada que conduz aos andares superiores (v.1, p.100), onde se localizam as quatro casas²² em que a escola se organiza, com suas salas comunais e dormitórios, bem como as salas de aula que ficam situadas nas torres. O banquete de abertura do ano letivo marca sobejamente o clima de suntuosidade que reveste tal solenidade – ele acontece em um grande salão, no andar térreo do castelo, iluminado por milhares de velas, e no qual estão dispostas compridas mesas. A narradora da história dá destaque aos pratos e taças dourados dispostos sobre as mesas e para a grande quantidade de comidas e sobremesas apetitosas oferecidas aos/às estudantes em tais banquetes, evocando em suas descrições nobreza, tradição, abundância, sofisticação e riqueza, aspectos que novamente remetem a pensar nas tradicionais escolas particulares inglesas, evocando, ao mesmo tempo, o clima de encantamento e mistério que usualmente impregna os castelos das histórias infantis. Aliás, é importante indicar que essa combinação de elementos, alguns deles evocativos da chamada *realidade*, que são mesclados constantemente a atributos e situações mágicas, configura-se como uma importante marca dessas histórias: os/as bruxos/as transitam constantemente entre o chamado *mundo real* e o da magia – deslocam-se a pé pelas ruas de Londres, mas, também, atravessam paredes e viajam em trens que trafegam em espaços intersticiais. E essa interessante estratégia discursiva acionada nessas histórias atua na reprodução e reinvenção de mitos, eventos, práticas e, também, de instituições – o mundo mágico possui escolas, Ministérios, Bancos, prisões, livrarias, lojas, cafés, empresas jornalísticas – e de sujeitos – ministros, professores, diretores, estudantes, jornalistas, mães de família, entre outros. É, também, através de tal estratégia que se consagra a importância da escola – pelo menos de escolas cuja organização se assemelha à representada nessas histórias – além de nelas validarem-se muitas outras instituições e práticas sociais das sociedades em que vivemos. E este é um dos muitos motivos que indicam a importância de atentar-se mais detidamente para como se representa a escola e a programação curricular dessa escola da ficção.

É interessante registrar que se marca, desde o primeiro volume da série, a grande diferença existente entre essa peculiar escola de bruxos e a escola fundamental freqüentada por Potter, antes de ele descobrir ser um bruxo - uma escola pública e gratuita onde o personagem realizou seus primeiros estudos e na qual ele era constantemente espezinhado por causa de suas roupas folgadas e de seus óculos emendados com fita adesiva. Como destaca a narradora da história, nessa escola “Harry não tinha ninguém” (...) (v.1, p.31), mas, ao ingressar em *Hogwarts*, tudo mudou! Nas palavras do personagem Hagrid, *Hogwarts* é definida como “a melhor escola de bruxos e bruxedos do mundo (...) local onde {Potter} estudará com garotos iguais a ele (Livro 1, p.55). Demarca-se, assim, a acentuada diferença entre o tratamento recebido por Potter nas duas escolas referidas, aspecto que é condizente com as diferenciações organizacionais das escolas britânicas direcionadas a diferentes classes sociais. Como destacou Stephen J. Ball (2006), apesar de terem ocorrido alguns avanços nas políticas públicas para a educação na Grã- Bretanha, muitas são ainda as diferenciações existentes entre as escolas destinadas às classes abastadas e aquelas que servem a outros segmentos da população. Nessa série consagra-se, de muitos modos, essas

escolas tradicionais. Mas, voltando às histórias, registro que é nessa diferenciada escola *Hogwarts* que o herói se encontra com seus *iguais*; é lá, também, que ele deixa de ser um sujeito marginal, desinteressante e diferente – esquisito e anormal, conforme a qualificação da personagem Petúnia, sua indiferente e rancorosa tia –, e descobre ser efetivamente dotado de poderes e aptidões (mágicas). Além disso, ele passa a ser respeitado e a ser exaltado em função do prestígio de seus pais e também por ter sobrevivido e até por ter debilitado as *forças do mal*. Em poucas palavras: *Hogwarts* permitiu que ele se descobrisse como sujeito; um sujeito dotado de uma predestinação que envolve cumprir um importante papel junto à comunidade bruxa – lutar pela sobrevivência de todos/as aqueles/as alinhados/as às causas do *bem*, tal como fizeram, antes dele, seus pais, seu padrinho, o diretor da escola e outros/as bruxos/as *do bem*, que foram sendo aniquilados pelas *forças do mal* ao longo das histórias. No decorrer de sua vida escolar, o herói e seus amigos/as sobrevivem a muitas provas, e essas lhes exigem colocar constantemente em xeque suas aptidões/talentos e aprendizagens para habilitarem-se a cumprir tal missão. Aliás, essas provas se complexificam na medida em que os/as personagens avançam em sua escolaridade, exigindo-lhes empenho, constante exercício da intuição, perspicácia, bem como uma dedicação crescente, sendo todos esses atributos necessários para garantir-lhes a sobrevivência na escola, sendo essa, sem dúvida, uma interessante representação sobre o papel a ser cumprido pela escola na formação dos/as estudantes. Em muitos episódios, as histórias registram o enriquecimento que *Hogwarts* trouxe à vida do herói e a de seus/suas companheiros/as, pois, de várias formas, se reitera o fato de ter essa escola excedido (e muito) à condição de permitir-lhes o acesso ao saber e às tradições e ritos bruxos. Aliás, incumbir à escola desse tipo de responsabilidade, isto é, cobrar dela a preparação dos sujeitos para a vida, é um propósito que várias teorias educacionais, entre as quais as teorias críticas e a própria Escola Nova, postulam e enfatizam. É interessante apontar, no entanto, que essas histórias associam tal propósito a um currículo que é delineado como bastante tradicional e voltado ao propósito de manutenção das tradições (bruxas), sendo essas essencializadas e consagradas em um currículo prescritivo, que marca tanto os estudos necessários para aprender-se (bruxaria), quanto os caminhos a serem seguidos sistematicamente por todos os/as alunos/as que desejam tornar-se competentes (bruxos/as)! Aliás, como todos os sujeitos que foram alijados de *Hogwarts* passaram a ocupar posições marginais na sociedade bruxa – Hagrid e o agente de disciplina e zelador do castelo Filch²³ são exemplos disso –, também está bem destacada nessas histórias a idéia da existência de uma só cultura válida – a cultura (bruxa), que essa escola focaliza – que poderá permitir o desenvolvimento pleno das atribuições que a herança gênica “plantou” nos/as estudantes que a frequentam.

Mas há outros processos interessantes descritos como peculiares à vida escolar em *Hogwarts*, na literatura examinada. Entre esses, o processo ao qual são submetidos/as os/as alunos/as ingressantes para serem localizados nas diferentes casas que integram a escola: eles/as são testados por um chapéu seletor que, ao ser colocado na cabeça dos/as estudantes, lê as suas mentes e diagnostica em qual das casas esse/a estudante deverá ser localizado/a em função de sua personalidade e aptidões particulares. As histórias conferem uma total

credibilidade a esse processo, que se assemelha a uma prática ainda valorizada ora para definir a entrada dos estudantes em algumas escolas, ora para diagnosticar as suas dificuldades – os testes psicológicos de aptidão mental -, que gozaram de tanto prestígio, especialmente em escolas experimentais brasileiras, nos anos de 1960 e 1970, e que ainda hoje são utilizados com convicção em processos de seleção empresarial.

Outro aspecto bastante peculiar ao currículo dessa escola da ficção diz respeito a nele se dar destaque à preservação das tradições ancestrais e dos ritos (bruxos), função na qual, afirmam as histórias, essa escola é extremamente competente: afinal é em *Hogwarts* que se procede a formação sistemática dos/as jovens (em magia)! Mas, é interessante ressaltar, a partir de Blake (2006), que essas histórias que reinventam o passado e cultuam imagens predominantemente tudorianas da Inglaterra, agregando a elas elementos da contemporaneidade, são, segundo esse mesmo autor (ibid), ainda muita apreciadas por alguns ingleses.

Pode-se dizer, ainda, que se consagra nas histórias de Rowling, uma abordagem curricular muito aproximada da que Silva (2000, p. 26) qualificou como *tradicional com enfoque humanista clássico*, quando esse autor caracterizou abordagens valorizadas em muitas escolas contemporâneas, pela natureza erudita dos saberes que integram os seus currículos. Para praticar a *verdadeira* magia, indicam vários/as personagens das histórias, é preciso conhecer seus fundamentos, dominar práticas, técnicas e códigos, bem como usar com propriedade palavras e expressões mágicas. É preciso, igualmente, aprender a vestir-se de forma adequada (usar as vestes negras, o chapéu pontudo, as luvas protetoras de couro de dragão), manejar apropriadamente o caldeirão e o telescópio, pilotar vassouras voadoras e empunhar firmemente a varinha de condão, pois, como destaca a narradora da história: “Mágica é muito mais do que sacudir a varinha e dizer meia dúzia de palavras engraçadas” (v.1, p.117). Tais cuidados têm ainda a ver com a possibilidade da ocorrência de erros nas dosagens das poções e dos feitiços ou do uso equivocado das expressões mágicas, o que pode ocasionar desastres²⁴! Enfim, afirma-se em todos os livros da série a importância das aprendizagens formais em magia, configuradas como indispensáveis ao cultivo dos saberes e posturas (bruxos), o que obriga esses/as estudantes a seguir um currículo em que figuram disciplinas como *Astronomia, Aritmancia, Feitiços, Poções, Trato das Criaturas Mágicas, Herbologia, História da Mágica, Defesa contra as Artes das Trevas, Runas Antigas, Transfiguração e Adivinhação* (v. 6, p.82).

No entanto, como destacou Blake (2006), não há arte neste currículo: os/as estudantes não desenham nem escrevem histórias²⁵ e, tampouco tocam ou compõem músicas nas aulas (p.63), apesar de estar registrada, no primeiro volume da saga, a emoção sentida pelo personagem/diretor da escola Alvo Dumbledore quando os/as alunos/as entoaram em grupo o hino na escola no primeiro dia de aula, expressa em sua declaração: “a música é uma magia maior do que a que fazemos aqui” (v. 1, p.113).

Mas, a formação dos/as jovens bruxos/as é complementada, no entanto, por atividades esportivas competitivas – há uma constante busca de jogadores/as hábeis para a prática do *quadríbol*, esporte extremamente apreciado e praticado pelos/as bruxos/as -, sendo esse mais um aspecto que reproduz, nessas histórias, a estrutura de tradicionais escolas inglesas

e norte-americanas, bem como o gosto dos britânicos pelo futebol.

Como destacou William Pinar (2006), ao discutir características de escolas norte-americanas, nas escolas de elite, com frequência busca-se acoplar o rigor acadêmico ao rigor atlético (p.130), aspecto que o autor (ibid) considera ser denotativo de um conservadorismo político que representa, no caso norte-americano, mais do que um racismo recalitrante, comentário que parece adequar-se à situação destacada neste texto.

Com relação às disciplinas básicas ministradas nessa escola da ficção²⁶, as histórias registram serem algumas delas teóricas, tais como *História da Mágica*, da qual os/as alunos/as não gostam; outras são práticas, como *Astronomia*, que exige que os/as jovens bruxos/as aprendam a examinar o céu da meia-noite com o auxílio do telescópio para conhecerem estrelas e planetas, pois tal saber importa à *Astrologia*. Em *Herbologia*, os/as estudantes aprendem a cuidar de todas as plantas e, especialmente, de fungos estranhos: eles precisam descobrir seus efeitos e a dosagem adequada das soluções em que podem ser usados. Em *Feitiços*, *Defesa contras as artes das trevas* e *Poções* igualmente preponderam atividades práticas, sendo que, nessa última, o temido personagem/professor Severo Snape alerta os/as alunos/as: “você estão aqui para aprender a ciência sutil e a arte exata do preparo de poções. Com não fazemos gestos tolos, muitos de vocês pensam que isto não é mágica (...). Posso ensinar-lhes a engarrafar fama, a cozinhar glória, até a zumbificar, se não forem o bando de cabeças-ocas que geralmente me mandam ensinar” (v. 1, p.120). E com essa afirmação, a narradora marca (e isso sucede em muitas outras situações por ela destacadas), que é preciso estudar e dedicar-se muito para seguir a complexa programação curricular de *Hogwarts*, que é integrada por disciplinas que arremedam, de certa forma, aquelas que o curricularista britânico Ivor Goodson (2007, p. 247) qualifica como *acadêmicas com alto status*. Segundo este autor (ibidem), tais disciplinas ainda prevalecem em grande parte dos currículos das escolas secundárias inglesas, impregnando, inclusive, as propostas educativas dos governos trabalhistas britânicos. Registra-se, também, nas histórias, a importância de os/as alunos/as valerem-se da extensa lista de livros recomendada no início de cada ano letivo, bem como dos que estão disponibilizados na imensa Biblioteca do castelo, para o acompanhamento das aulas. Entre os livros recomendados registram-se títulos como: *Grandes sábios do século XX*; *Nomes notáveis da magia de nosso tempo*; *Importantes descobertas modernas da magia*; *Um estudo dos avanços recentes na magia*; *Teoria da magia*; *História da magia*; *Guia de transfiguração para iniciantes*; *Bebidas e poções mágicas*; *As forças das trevas: um guia de autoproteção*; *Livro padrão de feitiços*, entre outros, cujos títulos se assemelham aos de muitos compêndios ainda usados em nossas escolas. Há outros títulos, especialmente os reproduzidos na lista de indicações para o segundo ano letivo, que sugerem aventuras, sempre caracterizadas como de interesse dos/as jovens estudantes: *Viagens com trasgos*; *Excursões com vampiros*; *Um ano com o Iéti*; *Como dominar um espírito agourento*, entre outros²⁷. É importante registrar, ainda, que, além das histórias dessa saga darem destaque aos livros, como um requisito necessário para o alcance do saber, marca-se nelas o cuidado que é preciso ter com a sua utilização – as histórias descrevem livros que atacam e até mordem quem pretender lê-los. Além desses, há *livros reservados*, aos quais os/as

estudantes só podem ter acesso com a autorização de um/a docente, em função do teor das bruxarias que neles estão descritas. Outros livros dessa mesma seção sussurram (como se soubessem da presença de alguém que ali não deveria estar), um outro emite “um grito capaz de coalhar o sangue” (Miguel Rettenmeyer, 2005, p.188) e outro possui uma mancha de sangue na capa. Então, tal como sucede nas sociedades da chamada *realidade*, há, nessa sociedade bruxa, saberes que implicam pré-requisitos, outros que só podem ser acessados por alguns poucos iniciados e, também, saberes perigosos aos quais não convém ter-se acesso! Isabelle Smadja (2004, p. 125) comentou que os livros escritos pelos bruxos ganham nessas histórias uma existência autônoma e que seu “temperamento” reflete fielmente as idéias que neles estão depositadas. E essa é, sem dúvida, uma interessante forma de representar o efeito produtivo que os livros podem ter, bem como de colocá-los em destaque, pois, em muitas situações, indica-se serem esses necessários até para a sobrevivência em *Hogwarts*, apesar de alguns deles estarem sob interdição em função da natureza dos feitiços que narram. Aliás, o currículo de *Hogwarts* postula outras proibições, tal como também sucede em muitas escolas *reais*. Há, inclusive, espaços do castelo que não podem ser acessados pelos/as alunos/as – o lado direito do corredor do terceiro andar, por exemplo, é proibido a todos os que não pretendam ter uma morte muito dolorosa -, sendo também proibidas as visitas à floresta que circunda a propriedade, na qual vivem muitas criaturas mágicas estranhas e perigosas (v. 1, p.112). Mas, como também sucede em muitas escolas contemporâneas, há, no castelo, um responsável pela manutenção das regras disciplinares fora das salas de aula: o excêntrico Filch, que está sempre alerta e que é capaz de aparecer repentinamente nos locais e momentos mais inesperados, sempre na companhia de uma gata farejadora. Além dele, a escola também dispõe de monitores, escolhidos entre os alunos mais destacados, igualmente responsabilizados pela manutenção da ordem na escola. Ou seja, pratica-se ininterruptamente em *Hogwarts* a vigilância, expressa nas práticas que promovem a codificação e o controle dos espaços e dos tempos escolares, ao lado de ações normalizadoras²⁸, que asseguram, como destacou Alvarez-Uria (1996, p.39), ao discutir as relações de poder usualmente processadas nas escolas, o submetimento constante dos personagens/estudantes. Mas, apesar disso, Potter e seus amigos/as conseguem, algumas vezes, escapar de tais controles utilizando-se de artefatos mágicos tais como a capa da invisibilidade, o que lhes parece ser facultado por estarem ao serviço *do bem!* Aliás, entre as ações normalizadoras em operação nessa escola destaca-se o peculiar e complexo sistema de avaliação – que inclui um sistema de atribuição e de perda de pontos - processado continuamente em *Hogwarts*, sendo esse praticado tanto em relação a situações vividas nas aulas, quanto fora delas: respostas corretas em classe, atuações destacadas em jogos e na resolução de enigmas valem pontos; respostas erradas e transgressões de qualquer natureza implicam a perda de pontos! E o mais interessante é que tal sistema avaliativo não afeta, apenas, os/as bruxos/as vencedores ou infratores/as, mas, também, as casas a que esses/as se filiam. Assim, ao final de cada ano letivo, a casa que obtiver o maior número de pontos recebe um troféu denominado Taça das Casas, que todos ambicionam ardentemente. Nesse momento, a competição se encerra naquele ano, mas não se extingue, pois ela impregna toda a vida escolar em *Hogwarts*, tornando-se mais acirrada

quando ocorrem os campeonatos de *quadribol*, o esporte bruxo que apaixona os/as estudantes e que consagra líderes entre eles/as. Mas, é importante indicar que as histórias registram que esse sistema também produz solidariedades e isso se expressa, especialmente, na forma de organização das casas. Cada uma delas possui um patrono (o/a bruxo/a que a fundou) e é representada por diferentes cores e símbolos animais, bem como caracterizada pelo culto a valores específicos. O leão é o símbolo de Grifinória e integridade e coragem os valores nela cultuados; o símbolo de Corvinal é a águia, sendo inteligência e beleza seus valores principais; o símbolo de Sonserina é a serpente, sendo a ancestralidade bruxa e a ambição os valores nela cultuados; o símbolo de Lufa-lufa é o texugo e a lealdade e a honestidade são seus valores maiores. E, mais, cada casa possui o seu time de *quadribol*!

Cabe frisar, mais uma vez, que tal modo de organização também é consagrado e legitimado em escolas de elite inglesas e norte-americanas, nas quais usualmente são cultuados brasões, flâmulas e outros símbolos que as representam, bem como as confrarias²⁹, sendo que tais práticas, ao lado da necessidade de os/as alunos/as precisarem constantemente resolver enigmas para viver em segurança na escola, configuram-se como uma estratégia discursiva usada para registrar que o currículo de *Hogwarts* se estende para além das salas de aula³⁰. Como sinaliza a estudiosa personagem Hermione, para sobreviver aos perigos que a escola oferece (e que até mesmo seu dedicado diretor Dumbledore não consegue precisamente aquilatar), é preciso valer-se não apenas da magia, mas também do raciocínio lógico (v. 1, p.244), pois esses, não poucas vezes, envolvem a resolução de enigmas. Vencer tais perigos até autoriza o herói da história e seus aliados/as a cometerem transgressões, que incluem tanto a invocação de procedimentos mágicos, muitos deles não autorizados no interior de *Hogwarts*, quanto o acesso a locais proibidos. Então, a formação em magia exige, ainda, a convivência com incertezas e mistérios, tal como está destacado nas histórias, sendo esse um dos modos de capacitar os/as estudantes a enfrentarem os muitos perigos que a vida fora de *Hogwarts* lhes oferecerá, ao lado dos livros e dos ensinamentos ministrados em sala de aula. Assim, então, *Hogwarts* não é apenas um lugar de acolhimento, segurança, solidariedade e bem-estar, características sempre invocadas como necessárias às escolas contemporâneas pelos/as críticos/as das organizações escolares mais formais. O próprio ambiente físico do castelo é bem instável: os/as alunos/as precisam estar sempre atentos, pois as senhas de acesso às casas mudam, as escadas que conduzem aos andares superiores se transformam (tornam-se estreitas ou seus degraus somem), salas aparecem repentinamente, enquanto outras somem, paredes sólidas fingem ser portas, figuras saem dos quadros dependurados nas paredes para conversar com outras, além de lá ocorrerem, também, acontecimentos mais graves – o caso da gata e dos alunos que apareceram petrificados (v 2, p.126, 156 e 174)! Cabe registrar, novamente, que também nessas situações invoca-se o passado, pois tais mistérios e perigos são decorrentes de antigas lutas processadas entre *os bruxos do bem* e *os do mal* na sociedade bruxa, sendo que essas se perpetuam e intensificam ao longo da vida escolar dos/as heróis/heroínas dessa escola. Além disso, como todos os/as bruxos/as (tanto os do *mal*, quanto os do *bem*) foram formados em *Hogwarts*, esses/as lá deixaram marcas mágicas muito importantes, que precisam ser interpretadas pelos/as estudantes³¹.

Então, por tudo que foi referido até aqui, é possível dizer que a vida na Escola Hogwarts não é fácil, como também não é fácil a vida na sociedade bruxa, nem, tampouco, em nossas sociedades contemporâneas! Como destacou Smadja (2004), as histórias sobre Potter reafirmam, de muitos modos, que é enfrentando provas que as crianças podem alcançar a maturidade (...) e que crescer implica assumir tanto o passado quanto o futuro (p.117). No caso dos/as alunos/as/ personagens que freqüentam *Hogwarts*, tal processo se dá em meio a uma constante tensão entre o *bem* e o *mal*, tensão essa que se amplia a partir do segundo livro da série e se intensifica ainda mais a partir do 5º livro³². Prevalece, então, nessa escola da ficção, um clima de desconfiança e de incerteza frente às opções de cada um/a dos/as personagens, pois, em muitas situações, não se sabe quem se alinha ao *bem* e quem se alinha ao *mal*. Nos episódios relatados no 5º livro, as *forças do mal* se organizam passando a ocupar espaços cada vez maiores dentro da escola, situação que acaba revertida no último livro da série, a partir da resistência de alguns/as professores/as à luta liderada por Potter, seus amigos e amigas. Desse modo, então, as *forças do bem* conseguem aniquilar lord Voldemort- a personificação do *mal*- e seus/suas colaboradores/as.

Algumas considerações finais

Muitos estranhamentos podem decorrer dessa opção de invocar um campo aparentemente tão distanciado dos estudos de currículo – a literatura infanto-juvenil e especialmente as histórias narradas por Rowling sobre a saga de Harry Potter - para indicar algumas formas de narrar o currículo escolar na cultura contemporânea.

O argumento invocado para proceder a tal conexão implica aceitar que algumas instâncias e artefatos culturais são importantes para a legitimação das muitas formas inventadas pelas sociedades para organizar o mundo e os saberes, tal como também indicaram Sandra Weber & Claudia Mitchell (1999, p 145), ao examinarem a produção de identidades docentes na chamada cultura popular, na qual se incluiria tanto o cinema, que elas examinaram, quanto a literatura infanto-juvenil, produção analisada neste estudo.

Cabe então reafirmar que nas histórias sobre Potter, a que tantos/as têm tido acesso em diferentes formatos, estão destacadas de modo fluido, difuso, atraente e agradável algumas peculiares representações de sistemas e currículos escolares. Isso igualmente justifica o interesse em destacar, neste texto, que essa literatura funciona como um aparato de inscrição, no qual as representações de escola e de currículo não estão presentes de um modo inócuo, mas operando nos processos de construção cultural de significações para essas instituições sociais e na produção de compreensões que os/as leitores/as passam a (re)compor sobre elas, ao confrontarem-se com a reafirmação de estereótipos que circulam de forma insistente também em outras instâncias da cultura. Como já indiquei, destacam-se, nessa literatura da ficção, visões conservadoras sobre o sistema escolar, o currículo e a sociedade, bem como é nela acionada, de muitas maneiras, a tradição para legitimá-las, não coincidindo tais visões com as demandas e contestações instituídas na Academia e até na Mídia³³.

A esse respeito é necessário indicar que as discussões desenvolvidas sobre o currículo no âmbito acadêmico têm colocado em destaque, especialmente a partir dos anos 1990, tal como referiu Antônio Flávio Moreira (2005), questões referentes às relações entre currículo e cultura e às teorizações pós: pós-modernismo, pós-estruturalismo, pós-colonialismo, entre outras. Como indicou o mesmo autor (ibid), disso decorreu a desestabilização da hegemonia que a teoria crítica exercia nos estudos sobre currículo, processando-se, como ele destacou (ibid), a emergência de novos temas, novos problemas, novas questões, e até mesmo de novas fontes teóricas, que, cada vez mais, passaram a configurar o campo do currículo como multifacetado e dinâmico por terem-no tornado sensível a teorizações de outros campos de saber. Como destacou Carlos Alberto Torres (2007, p. 9), questões referentes à cidadania, democracia e ao multiculturalismo são hoje centrais nos debates conduzidos, por exemplo, acerca das reformas educativas em todo o mundo, exercendo grande influência sobre o discurso acadêmico. Aliás, também nas políticas educativas as preocupações dão destaque, em muitas situações, a esses aspectos. Como denunciou Pinar (2006, p.126), nas políticas públicas norte-americanas, o conceito predominante de educação está baseado na contabilidade de resultados obtidos em testes (e no Brasil se parece estar buscando seguir um modelo semelhante), que indicam a acumulação de conhecimento, o que supostamente se transformaria, segundo ele, em aumento do produto nacional bruto. Parece ao autor (ibid) ser essa uma forma de vincular a cultura escolar à economia e a um pensamento empresarial, o que tem transformado as salas de aula das escolas públicas norte-americanas em um ambiente muito desagradável, a ponto de, segundo esse autor (ibid), se estar lá vivendo um estado de deseducação pública, pois, mesmo que os educadores tenham pouco controle sobre o currículo, esses têm sido responsabilizados pelas realizações (contábeis) de seus alunos (p.129). Como o mesmo autor (ibid) salienta têm-se “escolas de negócios” (p.134), escolas do futuro, com salas de aula com televisões e computadores, entre outros artefatos tecnológicos, mas não escolas comprometidas com a busca de soluções para a pobreza, injustiça, racismo, ódio nacional, aspectos para os quais o autor pensa que devam ser mobilizados todos os esforços educacionais hoje!

Cabe indicar que algumas dessas problemáticas são até focalizadas nas histórias narradas por Rowling, pois essas têm como pano de fundo algumas lutas processadas em torno da pureza racial. Outras lutas, é necessário referir, são empreendidas a partir de posições individuais assumidas por alguns/as personagens, como é o caso da militante e comprometida aluna/personagem/trouxa Hermione, que se revolta com a forma como os/as bruxos/as subjugam e se valem dos serviços de outras criaturas mágicas, os elfos, colocando-os na posição de empregados (mal pagos, pouco valorizados e totalmente subservientes) no interior da própria escola *Hogwarts*.

Não há, no entanto, contestações dessa ordem relativamente às programações curriculares, nem tampouco, frente ao modo de estruturação da escola; ao contrário, as narrativas destacam que essas têm servido perfeitamente bem aos propósitos a que se destinam - acolher, ensinar e preparar adequadamente as/os jovens bruxos/as para enfrentar a vida e os desafios que a sociedade (bruxa) lhes reserva. É importante salientar, então, que

mesmo que não pretendesse encontrar nessas histórias extensões das discussões mais acadêmicas sobre o currículo, é surpreendente nelas encontrar, de forma tão legitimada, as segregações sociais, que tanto Goodson (2007), quanto Ball (2008) referem ainda caracterizar os currículos escolares ingleses. Cabe salientar, também, que, nessas histórias, os muitos problemas e conflitos que afligem os/as personagens nunca decorrem da organização escolar, ou mesmo da estrutura que rege a sociedade bruxa, que reproduz de forma bastante nítida as estruturas das sociedades ocidentais neoliberais, as quais celebram a ética que Thomas Nagel (1991, apud Ball, 2006) considera corresponder ao “ponto de vista pessoal e aos interesses e desejos individuais” (p.14).

Enfim, como as narrativas apontam, todos os problemas que afligem esta comunidade de magos são delineados a partir de uma representação marcante para as sociedades neoliberais: esses se localizam *em* e correspondem *a* alguns sujeitos que, por ambição e cobiça, tal como se narrou no episódio bíblico que culminou com a expulsão de Lúcifer do paraíso (e as histórias nos remetem de muitos modos a esse embate bíblico), de certa forma se desviaram das incontestadas (e sagradas) normas morais que regiam aquela sociedade (bruxa).

Notas

¹ Foram examinadas as traduções para o português (Brasil) dos livros intitulados: *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 263 p; *Harry Potter e a câmara secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 287 p; *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban*, Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 348p; *Harry Potter e o cálice de fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.583 p; *Harry Potter e a ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003; *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco. 2005. 510p; *Harry Potter e as relíquias da morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 390 p.

² Fonte *Wikipedia*, a Enciclopédia livre da *Web* (consulta em 5 de abril de 2011).

³ A Warner Bros. Pictures filmou a história narrada no 7º e último livro da série, intitulado *Harry Potter e as relíquias da morte*, em duas partes, ambas dirigidas por David Yates, também diretor do 5º e 6º filmes da série. A primeira parte foi lançada em 19 de novembro de 2010 e informações em circulação na Web (<http://audienciaglobo.blogspot.com/2011/03/harry-potter-7-parte-1-se-torna-o-mais.html> acesso em 5 de abril de 2011) indicam ser esse o filme mais lucrativo da franquia Potter no mercado internacional - US\$657,2 milhões – na bilheteria mundial (desconsiderados os valores dos Estados Unidos e Canadá). A parte 2 desse filme deverá ser lançada em 15 de julho de 2011. No entanto, já está em circulação na *web* um vídeo de 1:35 minutos de duração, divulgado pela própria Warner, que apresenta cenas dessa 2ª parte do filme, bem como comentários dos principais atores, diretor e produtor do filme. (http://www.jornalbleh.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1957:-qharry-potter-e-as-reliquias-da-morteq-parte-2-ganha-featurette-internacional&catid=11:bla-do-bleh&Itemid=12. (Acesso em 5 de abril de 2011).

⁴ O filme sobre o 6º livro, intitulado *Harry Potter e o enigma do príncipe*, cujo lançamento mundial foi também posterior ao lançamento do último livro, tendo ocorrido em julho de 2009, foi igualmente um sucesso de bilheteria, sendo a renda da estréia quatro milhões de dólares, conforme está indicado no *site* português IOLDiário, editoria Cinema (consulta em 17 de julho de 2009).

⁵ O analista cultural britânico Andrew Blake (2006) refere que até as latas do popular refrigerante norte-americano Coca-Cola passaram a estampar o rosto do ator que representa Potter nos filmes.

⁶ Há numerosos *sites* disponibilizados na *Internet*. Entre esses o *site* oficial da *Warner Bros Studio* em português (<http://harrypotter.pt.warnerbros.com/platform/index.html>), e em inglês (<http://harrypotter.warnerbros.com/>), além do *site* <http://www.omundodeharrypotter.com.br/index.php?pag=aliados>, o *site* da autora (<http://www.jkrowling.com/>), disponibilizado em inglês, alemão, italiano, francês, espanhol e japonês. Entre os *sites* brasileiros está o organizado por Luis Eduardo de Oliveira (<http://www.sobresites.com/harrypotter/>) e entre os portugueses

<http://alohomorapt.blogs.sapo.pt/>. Sites animados permitem visualizar o *Beco Diagonal*, e outros locais referidos nas histórias, ou reproduzem o jornal bruxo *O Profeta Diário*, além de permitem o envio de *berradores* a amigos e o treinamento de artilheiros, *apanhadores* e goleiros de *quadribol*. Outros sites disponibilizam livros não oficiais sobre Potter, listas de feitiços, repúdios às obras, etc.

- ⁷ Os *chats* são locais destinados aos bate-papos de internautas que partilham o interesse por Potter.
- ⁸ Os fóruns são espaços onde os *potter fãs* se manifestam e interagem com outros associados do *site* para expressar suas opiniões, comentar os livros, filmes etc. Formam-se famílias virtuais nessa comunidade nas quais os/as participantes assumem novas identidades - nomes, sobrenomes, papéis sociais - e criam vínculos com outros participantes por "casamentos" ou graus de parentesco.
- ⁹ *Fanfics* são histórias que os fãs escrevem no universo que Rowling criou. Algumas dão continuidade aos livros; outras contam "novas" histórias sobre Potter e seus amigos. Há todo o tipo de histórias - romances, aventuras e, inclusive, algumas do tipo *slash*.
- ¹⁰ No ano de 2007, último ano de lançamento dos livros, podia-se encontrar no *site Google* 160 milhões de referências a Potter em todas as línguas possíveis (Revista. Pesquisa FAPESP, maio de 2007). Já em julho de 2009 são 413 milhões de referências feitas a Potter no mesmo *site*. No Orkut, *site* de relacionamento bastante popular no Brasil, há cerca de 325.000 comunidades de fãs do pequeno bruxo (consulta realizada em 20 de julho de 2009).
- ¹¹ O professor de comunicação, jornalista e cartunista brasileiro Djota Carvalho (2006) escreveu uma história infantil intitulada *Escola de Sacis*, que é uma paródia da *Escola de Hogwarts*. A personagem principal é menina, órfã, amada pelos tios que a adotaram e descobre aos 11 anos ser uma saci, ao ser visitada por dois sacis bípedes que a levam para uma escola de sacis viajando em um tronco de bambu.
- ¹² No contexto português destaca-se artigo de Gisela Silva, intitulado 'A perpetuidade do "outro lado"', publicado na revista *Malestares*, N.10. Porto: dezembro de 2002. Destaca-se, também, o comentário feito por João Morales, no artigo intitulado "livros mágicos", publicado na Revista *Os meus livros*. N. 56, ano 6. Lisboa: outubro de 2007.
- ¹³ O atual papa Bento XVI teria criticado essa obra, em 2003, afirmando exercerem esses textos uma sedução sutil sobre os leitores jovens que "distorceria o cristianismo na alma, antes mesmo de ele ter tempo de se desenvolver de maneira adequada" (<http://criancas.terra.com.br/harrypotter/interna/0,,OI590722-EI4249,00.html>. Acesso em 1/06/ 2007). Blake (2006) registra manifestações contrárias ao filmes e livros ocorridas na Inglaterra, nos Estados Unidos da América e na Austrália por parte de fundamentalistas cristãos. O autor ressalta que nos livros não há um cristianismo alegórico, tal como nas *Histórias de Narmia*, escritas por C.S.Lewis, mas que elas não são anti-cristãs. Como sublinha o autor: "a fê simplesmente não está lá" (p.97).
- ¹⁴ O personagem/professor de *História da mágica* refere ter a escola mais de 1000 anos (v.2, p. 131).
- ¹⁵ No decorrer das histórias são apresentadas aos/às leitores/as outras duas escolas de bruxaria - *Beauxbatons* (que estaria localizada na França) e *Durmstrang* (que estaria localizada na Europa Oriental) com as quais *Hogwarts* disputa um campeonato de *quadribol*.
- ¹⁶ É interessante referir o episódio das cartas que perseguiram os tios de Potter, apesar desses terem-se escondido em um lugar distante e de difícil acesso para impedir que o menino fosse notificado de sua aceitação para essa escola de bruxos (v.1. P. 53). Cabe registrar que os tios de Potter envergonhavam-se da origem bruxa de Potter.
- ¹⁷ Segundo declarou a tradutora destes livros para o português (Brasil), Lia Wyler, em entrevista disponibilizada no *site* http://www.omelete.com.br/game/100001690/especial_harry_potter.aspx (Acesso em 6 de abril de 2011), Rowling teria declarado em juízo, na Inglaterra, que a palavra *muggle*, que consta na versão inglesa, teria sido por ela usada no sentido de *fool*. A tradutora informou ter traduzido essa palavra por "trouxa" por ser seu significado mais forte que tolo ou bobo e mais brando do que "otário" e, ainda, por lembrar a sonoridade de "bruxo". Trouxa é, segunda ela, o indivíduo incapaz de devanear, de sonhar, de fantasiar de cara limpa.
- ¹⁸ Os personagens Draco Malfoy (o principal antagonista de Potter na escola) e a família Weasley, a qual pertencem Rony, o melhor amigo do herói, e Gina, que se torna sua esposa no último livro, são *bruxos puro sangue*, por terem ascendentes exclusivamente bruxos.
- ¹⁹ Potter é um bruxo mestiço, pois seu pai era um *bruxo puro-sangue* e sua mãe de ascendência *trouxa*.
- ²⁰ Hermione Granger, aluna competente, estudiosa e fiel amiga de Potter, é uma *sangue-ruim*.
- ²¹ Blake (2006), entre outros comentadores dessa obra, indica que *Hogwarts* estaria situada nas Terras Altas da Escócia.
- ²² Essas casas tiveram diferentes fundadores: os bruxos Gryffindor e Slytherin e as bruxas Hufflepuff e Ravenclaw, "que juntos construíram o castelo, longe dos olhares dos trouxas". Como os livros narram, após divergências acerca do

processo seletivo, pois Slytherin pretendia que o aprendizado de magia só fosse facultado às famílias bruxas, houve a cisão e a fundação das outras casas cujas denominações remetem aos nomes dos/as seus/suas fundadores/as. Na tradução portuguesa (Brasil) essas receberam as denominações: Grifinória, Sonserina, Lufa-lufa e Corvinal (v.2.p.131).

²³ Descobre-se que este agente disciplinar é um *aborto* (v.2, p.127), isto é, um sujeito que apesar de nascido em família bruxa não conseguiu desenvolver poderes mágicos. Descobre-se, também, que ele estuda magia por correspondência (em um curso para principiantes) por não preencher os requisitos para cursar *Hogwarts* - ter aptidões mágicas (v.2, p.112). É interessante destacar o sarcasmo da autora das histórias em relação a essa modalidade de estudo!

²⁴ Narra-se, no primeiro volume que um dos alunos deixou derreter seu caldeirão, apesar das recomendações de seu “severo” professor Severo Snape. A poção encharcou seu corpo e fez nele surgir numerosos furúnculos, o que motivou sua internação na enfermaria da escola (v. 1, 122).

²⁵ A única situação em que se alude à arte ocorre no 2º volume, no qual há uma referência a ter o caricato personagem/professor Lockart pedido aos/as alunos/as para escreverem um poema sobre um dos seus livros.

²⁶ No 2º volume, há referências à possibilidade de os/as alunos/as escolherem algumas disciplinas, além das disciplinas obrigatórias, a partir do 3º ano. Uma dessas disciplinas eletivas intitula-se *Estudo dos trouxas* (v.2, p.214)

²⁷ É interessante indicar que todos esses livros foram escritos pelo personagem/professor vaidoso, medroso e caricato (o já referido Lockart) que, no decorrer da série, descobre-se ter inventado todas as aventuras por ele narradas, além dele acabar mostrando ser um bruxo muito incompetente. Mas seria possível dizer que a narradora registrou estarem, nesse caso, vaidade e incompetência associadas!

²⁸ Tais ações de normalização caracterizam práticas das sociedades modernas, como indicou Edgardo Castro (2009). Como esse autor (ibid) referiu “as sociedades modernas não são simplesmente sociedades de disciplinarização, mas de normalização” (p.309). Cabe registrar que em instituições tais como a escola, procedem-se ações nas duas direções apontadas pelo autor (ibidem), tal como foi registrado, mesmo que de forma introdutória, neste texto. Como Castro (ibid) esclareceu “a norma, a partir da valorização das condutas, impõe uma conformidade que se deve alcançar; {ela} busca homogeneizar” (p.310). As sociedades contemporâneas são essencialmente articuladas sobre a norma, além de nelas incluírem-se inúmeros sistemas de vigilância e de controle. A análise aqui apresentada buscou destacar a ocorrência de tais ações na escola *Hogwarts*.

²⁹ Blake (2006) destaca que Rowling remete-nos a histórias sobre escolas privadas, muito populares na Grã-bretanha, sendo o clássico do gênero *Tom Brown no colégio*, escrito por Thomas Hughes, em 1861. O autor registra que nos anos 1990 os livros bretãos para crianças tratavam de uma realidade desconfortável, ao focalizarem temas como pobreza, gravidez na adolescência e dependência de drogas. Para ele, apesar desses serem temas politicamente corretos, eles não motivavam os/as estudantes. Então, surgiram as histórias sobre Potter, que acertaram em “cheio no alvo”, pois, como argumenta o autor, um crítico da sociedade bretã, “os ingleses vivem usando o passado para tornar o presente suportável” (p.11).

³⁰ Outra interessante atividade curricular praticada fora das salas de aula, referida nas histórias é o Clube de Duelos (v.2, p.165-169).

³¹ A pedra filosofal teria sido escondida pelo alquimista Nicolau Flamel no castelo para impedir que o *bruxo do mal*, lord Voldemort, dela se apossasse. Encontrá-la foi uma das importantes tarefas que os personagens Potter, Rony e Hermione realizaram em seu primeiro ano na Escola. Já no 2º volume, o problema a ser enfrentado é a reabertura da Câmara Secreta que conteria o basilisco, uma terrível serpente.

³² Esse livro intitula-se *Harry Potter e a ordem da Fênix*.

³³ Cabe referir, por exemplo, dificuldades apontadas para o sistema de ensino inglês, sendo que essas passam além das críticas referidas pelos curriculistas que invoquei neste texto. O jornal brasileiro Folha de São Paulo (Caderno Mundo, 25 de abril de 2008) deu destaque, por exemplo, à greve de professores deflagrada nas escolas da Grã-Bretanha, sendo essa a primeira lá ocorrida nos últimos vinte anos. O jornal também deu destaque à revolta dos pais em relação a essa situação.

Referências bibliográficas

ALVAREZ-URIA, Fernando. Microfísica da escola. *Educação e Realidade*. Porto Alegre: Faculdade de Educação da UFRGS. V.21, n.2, Julh/Dez, 1996. p. 31-42.

- BAGGET, David; KLEIN, Shawn; IRWIN, William. *Los mundos mágicos de Harry Potter: mitos, leyendas y datos fascinantes*. Barcelona: B.S.A., 2002. 141p.
- BLAKE, Andrew. *A irresistível ascensão de Harry Potter*. Lisboa: Campo da Comunicação, 2006. 115 p.
- CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007. 283 p.
- BALL, Stephen. Sociologia das políticas educacionais e pesquisa crítico-social; uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional. *Currículo sem fronteiras*. V.6, n.2, Jul/Dez 2006. p. 10-32.
- BLOOM, Harold. *Can 35 Million Book Buyers Be Wrong? Yes*. Nova Iorque: *The Wall Street Journal*, 7 de novembro de 2000 (Disponível na web em wrt-brooke.syr.edu/courses/205.03/bloom.html. Acesso em 5 de agosto de 2009).
- CARVALHO, Djota. *Escolas de sacis*. Campinas: Dentro da Caixa, 2006.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault. Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009
- COLBERT, David. *Los mundos mágicos de Harry Potter. Mitos, leyendas y datos fascinantes*. Barcelona; Ediciones B.S.A, 2002.
- GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e o futuro social. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED. V.12, n.35. Maio/Ago. 2007. p.241-152.
- HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart.(Org.) *Representation. Cultural Representations and Signifying Practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. (Introduction and Chapter 1). P. 1-74.
- HIGFIELD, Roger. *A ciência e a magia em Harry Potter*. Braga: Magnólia, 2007. 327 p.
- JACOBY, Sissa & RETTENMAIER, Miguel. *Além da plataforma nove e meia. Pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UPF, 2005. 207 p.
- MACHADO, Ana Maria. *Texturas sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 221 p.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Tensões e desafios em torno das identidades. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org). *Cultura, poder e educação. Um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: Editora da Ulbra, 2005. p. 123-144.
- _____. Apresentação do dossiê O campo do currículo hoje: debates em cena. *Educação em Revista*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG. N.45, Junho de 2007. p 109-113.
- MORRIS, Tom. *E se Harry Potter dirigisse a General Electric? Sabedoria de liderança do mundo dos bruxos*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006. 286 p.
- SMADJA, Isabelle. *Harry Potter. As razões do sucesso*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. 146 p.
- SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 154 p.
- PINAR, William F. A política de raça e gênero da reforma curricular contemporânea nos Estados Unidos. *Currículo sem fronteiras (on line)*. V.6, n.2. Jul/Dez 2006. p. 126-139. RETTENMAIER, Miguel. Harry Potter e o céu estrelado das leituras literárias. In: JACOBY, Sissa & RETTENMAIER, Miguel (orgs). *Além da plataforma nove e meia. Pensando o fenômeno Harry Potter*. Passo Fundo: UPF, 2005. p 172-192.
- TORRES, Carlos Alberto. El lugar de las diversidades y de las ciudadanías en las Sociologías de la Educación. *Revista Portuguesa de Educação*. V.20, n.1. Universidade do Minho, 2007. p. 7-45.
- WEBER, Sandra; MITCHELL, Claudia. Teacher Identity in Popular Culture. In: PROSSER, Jon. *School Culture*. London: Paul Chapman, 1999. p.145-161.
- WORTMANN, Maria Lúcia Castagna & PIRES, Fabiana de Brito. Harry Potter – para além da magia e da bruxaria. *A página da Educação*. Ano 16, n. 168, Junho 2007, p. 7.

Correspondência

Maria Lúcia Castagna Wortmann – Professora Convidada do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil.

E-mail: wortmann@terra.com.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização da autora.
